

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2375

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



Director interino: JOAQUIM DE SOUSA

Editor: CARLOS MARIA COELHO

Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00

PAGAMENTO ADIANTADO

SÁBADO, 28 DE AGOSTO DE 1925

Todo o bem que fizermos à Confederação em nós se reflectirá

E' muito restrita a missão daqueles que transitóriamente se encontram orientando a Organização Operária Portuguesa. Mas restrita embora, não deixa de ser importante e melindrosa. Se bem que à primeira vista pareça que não nos incumbe outra tarefa senão a de fazer um burocrático compasso de espera enquanto o novo Conselho não se forma, nós, como militantes e como operários, não nos limitamos a esse pequeno esforço, queremos ir mais longe.

Queremos ir mais longe, é claro, sem de qualquer modo atraçarmos o espírito das funções de que fomos investidos. Queremos ir mais longe, estabelecendo com a nossa modesta influência um saudável ambiente de paz que permita trazer ao seio da Organização Operária todos aqueles que, devendo estar connosco, por qualquer motivo se afastaram.

Não abdicamos dos nossos ideais sindicalistas libertários nem queremos torcer para caminhos dúbios a firme direcção sindicalista que sucessivos congressos vêm dando à Organização. Mas, interpretando com justeza e inteligência o espírito desses congressos, parece-nos que homens e organismos de tendências diversas mas de base idêntica - sindicalista - devem reunir-se e federar-se para aquela acção sindical que é comum a todos os proletários: a defesa dos interesses de classe.

Nesse terreno todos os trabalhadores se encontram inevitavelmente e bom seria que a esse encontro se desse uma norma, um método. Essa norma e esse método, como está naturalmente indicado, só os podem dar a Confederação Geral do Trabalho.

Urge, por um interesse comum a todos os trabalhadores, concentrar esforços, metodizar acção contra o inimigo geral - a burguesia capitalista.

Com os olhos fitos neste objectivo, apelamos neste momento para a boa vontade, para a sinceridade de todos os militantes e de todos os operários. Que cada um saiba, dentro da sua esfera de acção, cumprir o seu dever. O trabalho dividido por todos não é pesado e bem conjugado pode luzir muito. Desejamos ardente mente que os operários ingressem como lhes compete nos seus sindicatos, estes nas uniões e federações e estas finalmente na Confederação, que, inteiramente renovada, pode prestar serviços relevantíssimos ao proletariado.

E os militantes que pensem apenas no bem da Organização Operária, porque todo o bem que lhe fizermos em nós, operários, colectivamente se reflectirá.

Notas & Comentários

A situação da C. G. T.

Alguns jornais, a propósito da dissolução do Conselho da Confederação Geral do Trabalho, têm publicado uma série de declarações que revelam bem a sua ignorância nestas questões operárias, quixão o propósito de tudo deturpar para amesquinharem o alto corpo da organização operária. Esses desaires, em vários jornais, têm atingido o inverso. Ainda ontem as seráficas Novidades noticiava que o nosso camarada Santos Arranha fora violentamente afastado da direcção da Batalha. Ora a verdade, como já é do conhecimento dos leitores, é muito outra. Mas se o mentir já é um hábito inveretido nesses jornais...

Sobre o que se tem dito da destituição do cargo de director de A Batalha, escrevemos o nosso camarada Santos Arranha uma carta que só amanhã, devido à falta de espaço, poderemos tornar pública.

Cumprimentos

Veio ontem cumprimentar-nos, tendo executado primorosamente alguns numeros do seu repertório a interessante banda de música Sociedade Antiga Montemorense. Agraciamos e retribuímos a sua dedicação.

Inconsciência

Escrevem-nos de Mellila, Eugénio Martins, que se encontra alisado na Legião Estrangeira, protestando contra o facto de serem bárbaramente tratados por mouros e espanhóis. Os mouros nutrem por elos um grande desprê visto que por dinheiro se prestam a combater-las na sua própria casa. E os militares espanhóis, como sabem, a que abejão é preciso descer para ir desempenhar um papel tão repugnante tratam-nos como nunca ouviram tratar os mouros.

Entrevista que não deu resultado

LONDRES, 27. - A entrevista do sr. Churchill com os mineiros não deu resultado isto o governo manteve a sua decisão de não ceder subsídios aos operários. (U.)

A ESCRAVATURA BRANCA

Prova-se com as declarações de uma pobre mulher que no hospital de São José, a trôco de dinheiro, se entregam crianças a damas que ficam para sempre ignoradas

Acusamos a parteira-chefe da enfermaria de Santa Bárbara de participar nessa entrega — Acusamos o "hábil" agente Ferreira da Silva de ter falseado um relatório para nos desmentir

Duas criaturas ficaram imortalizadas neste triste comércio de crianças recém-nascidas no hospital de São José: a parteira-chefe da enfermaria de Santa Bárbara daquele estabelecimento D. Georgina Duarte e o agente Ferreira da Silva. A primeira pela atitude sobranceira como tratou A Batalha por ela atacar uma monstruosidade de que essa senhora era uma das autoras. A segunda pela forma parcial e criminoso como procedeu as investigações de que foi encarregado sobre o caso do tráfico de crianças.

A Posterioridade ficará conhecendo que estas duas figuras foram réus de um crime inqualificável num país que se jacta de civilizado e de civilizador. A Posterioridade ficará sabendo que houve no ano de 1926 uma mulher parteira-chefe de uma enfermaria que por artes malabares convenceu as parturientes a entregar a estranhos os seus filhos a fim de receber uma repugnante gratificação. A Posterioridade ficará conhecendo que houve um agente de polícia que lançou o abalroado sobre esta monstruosidade e veio depois para a imprensa afecta dizer que A Batalha mentiu porque nunca houve tráfico de crianças, porque nunca se exerceu esse exacerbal negócio no hospital de São José.

Nós, desde o primeiro momento que aqui erguemos o nosso brado, afirmámos que esse comércio se exercia porque em nosso poder possíamos esmagadoras provas delas. Nunca nesta tribuna se fez uma afirmação gratuita. Quando muito, e isso sucede em todos os jornais, temos sido ludibriados na nossa boafé resultando daí uma inexacta informação. Mas esse facto nunca se deu num caso com a gravidade d'este.

A um nosso redactor foram feitas revelações sensacionais que ele esmaltou, em parte, nestas colunas reservando outras para a melhor oportunidade. Essa oportunidade chegou. E por isso vamos ver se fomos nós que erguemos o aleixe ou se foi a polícia que se tornou conivente no crime.

Como o «hábil» agente conduziu as investigações

Antes de trazermos à supuração as provas do tráfico de crianças vamos explicar ao leitor, para que ele vá conhecendo todas as teias do emaranhado caso, como conduziu, essa hipótese de Sherlock Holmes, que se chama Ferreira da Silva, as investigações.

Logo que A Batalha revelou o mojento comercial, no hospital de São José produziu-se um grande movimento de sensação, especialmente na enfermaria de Santa Bárbara e na enfermaria Depósito.

Essa sensação ia aumentando á medida que o nosso jornal desfechava as suas certeiras flechas. Surge a intervenção da polícia e D. Georgina Duarte começou a manifestar uma grande intranquilidade. O seu espírito andava irrequieto, não sabendo como eximir-se às responsabilidades do seu deíto.

O hábil agente entra nesse momento em ação. E D. Georgina estremece. Receava ser descoberta. Ingénua! Não sabia que em Portugal a polícia não procede para com os criminosos. E assim foi.

D. Georgina Duarte foi convidada a depor e, com o seu habitual ar superior, declarou ao hábil:

— É verdade haver tráfico de crianças. Foram apenas entregues algumas a várias pessoas de grande respeitabilidade que as estimava como se fossem seus filhos.

E o hábil ter-lhe-ia respondido:

— Desculpe-v-me, sr. D. Georgina Duarte, o incomodo. Estou certo que A Batalha é que inventou essa infâmia...

D. Georgina retirou toda infânia e certa de que nada lhe sucederia. E porque estava assim tão corajosa? Porque ela bem sabia que um dos mais categorizados funcionários da polícia estava também empenhado em que D. Georgina não sofresse.

Por sua vez o hábil prosseguia nas suas deligências. A tal D. Eufemia de que já falámos foi interrogada, vindos a aparar-se que era uma senhora muito séria e capaz de proteger o pequeno António da Costa...

Havia uma outra pobre mulher, que tinha tido a sua delivrance no hospital, que o hábil também desejava interrogar. Chamou-a Maria Avelina Maia, mãe de um pequeno que foi trocado por 200\$00 no hospital de São José.

O hábil interrogou a Maria Avelina Maia e concluiu por perorar que era mentira tudo quanto A Batalha dissesse.

O que por conveniência o «hábil» não apurou

Entretanto, muito discretamente, o nosso «reporter» ia procedendo às suas investigações. Foi uma missão bastante difícil, nem sempre coroada de êxito, a que se propôs. No entanto ela trouxe o conhecimento da morada de Maria Avelina Maia. Era mister ouvir esta mulher que foi depor à polícia e que tinha formulado contra D. Georgina Duarte uma acusação gravíssima.

Maria Avelina Maia foi finalmente encontrada, conseguindo o nosso redactor obter dela sensacionais declarações que, confirmado tudo quanto afirmámos, desmentem o relatório do hábil agente Ferreira da Silva.

Mas não percamos mais tempo. Vamos dar imediatamente a palavra a esta personagem do triste drama. Eis as suas declarações:

— Em Dezembro de 1925 eu recolhi à enfermaria de Santa Bárbara do hospital de São José no meu estado interessante. Quando ali cheguei ouvi de minhas companheiras copiosos queixumes acerca da sua

CRÔNICA DO ESTRANGEIRO

Como se operou a queda de Pangalos, o ditador grego

A queda da ditadura de Pangalos foi operada pela guarnição militar de Atenas na madrugada de 22 de Agosto. A guarda nacional republicana e os regimentos do exército permanente, às ordens dos oficiais que conheciam o plano, ocuparam rapidamente os corredores, os telegráfonos, o ministério da guerra e várias repartições militares. O ministro da guerra foi preso num dos quartéis, quando iniciava inesperada visita de inspeção. Logo, foram presos nas suas residências todos os outros ministros e passada ordem de prisão contra o ditador Pangalos, que estava veraneando na ilha Spetzai.

Foi este o primeiro acto dumha conspiração que, sem dar um tiro, derrubou uma ditadura. O acontecimento não deve ter assumido notória gravidade, pois se limitou a desmobilizar a marcha da coisa pública.

General Condylis, que agora fez balear o general Pangalos, pertenceu ao comité militar que destruiu o regime monárquico, a pesar de republicano, invocando para justificar o seu acto de 22 de Agosto, as inquietações que a presença do nortista

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

para tratar de assunto urgente e importante.

General Condylis, que ocupava esse cargo antes de Pangalos ter vibrado o seu golpe de Estado. Com a queda do ditador a situação pouco se modifica.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

QUATRO MESES DEPOIS

Em Lourenço Marques continua imperando o terror que Azevedo Coutinho ali estabeleceu

Uma trindade sinistra, ferro e perseguidora dos ferroviários

A greve dos ferroviários de Lourenço Marques terminou há cerca de quatro meses e todavia a situação dos que foram demitidos em virtude desse movimento ainda não se modificou. O número de desempregados é grande, e as privações que algumas centenas de trabalhadores vinha sofrendo devido à falta de recursos atingiram um coeficiente espantoso.

Azevedo Coutinho, essa triste figura celebrada pelos seus crimes, já há muito tempo que não impõe seu predomínio em Moçambique. Há meses que o «Nero de Moçambique» não se encontra na vasta província espalhando a fome e a dor. Mas os seus processos ainda vivem como que a eternizar um regime de morte em Lourenço Marques.

No dia 2 do corrente mês chegou a Lourenço Marques uma ordem do governo, de

A BATALHA

AGREMIAÇÕES VARIAS

Sociedade «A Voz do Operário» — Reunião anteontem a assembleia geral desta colectividade, para apresentação e discussão do relatório moral e financeiro referente ao ano económico de 1925-26.

Antes da ordem dos trabalhos, a assembleia ocupou-se das calúnias referidas pelos reactionários contra esta instituição no que diz respeito ao ensino ministrado nas suas escolas às crianças que as frequentam. A assembleia protestou contra essa vil campanha, resolvendo protestar junto de quem ouvisca teve e que esse seu protesto seja conhecido de todos os jornais, associações operárias e liberais e ainda de todos os sócios, para o que será impresso sendo a estes últimos distribuídos pelos cobradores, independente do que o próximo número do jornal publique sobre o assunto.

Seguidamente e em sessão prorrogada a assembleia discutiu os relatórios da C. A. e do Conselho Fiscal, sendo aprovados depois de vários associados se congratularem pela forma como elas estavam elaborados e muito em especial o da C. A., facto pela primeira vez verificado.

A assembleia acupou-se ainda da censura à imprensa e lançou na acta um voto de sentimento pela morte do consócio Frederico Carlos da Costa. As proposições da C. A. e do Conselho Fiscal foram aprovadas.

Liga de Desportos Atléticos — Reúne-se na próxima segunda-feira, pelas 20 horas, a assembleia geral ordinária desta Liga para apreciar a seguinte ordem de trabalhos: Apresentação, discussão e aprovação do relatório e contas da gerência da comissão administrativa; Entrega das taças aos vencedores do campeonato da época 1925-26; Eleição dos corpos gerentes para a época de 1926-27; Comunicações várias.

A questão de Tanger

MADRID, 27.—O ministro dos estrangeiros declarou que a Espanha manterá as suas declarações sobre Tanger.

Afirma-se nos meios oficiais que o governo Madrid deseja ver resolvido o problema de Tanger antes da reunião de Genebra, e que se assim não puder ser que ao menos se garanta à Espanha um lugar permanente no Conselho da S. D. N.

Em Londres e Paris pensa-se que o problema de Tanger não é suscetível a uma solução rápida. — (L.)

Na Ucrânia também a situação económica é má

MOSCOW, 27.—O conselho económico da Ucrânia anuncia oficialmente que a situação económica é muito grave devido à diminuição da colheita dos cereais e que a tendência para a alta subida dos preços ameaça desorganizar as exportações.

Visita de jornalistas à Figueira da Foz

Há dias no jornal *A Informação* vinha uma pequena local tratando do trabalho diurno e condenando-o acríticamente. Se o dito jornal, antes de fazer apreciações se desse ao cuidado de investigar os motivos que levam os sindicatos dos operários manipuladores de pão do país, a exigir do governo a abolição do trabalho nocturno nas padarias, e quanto essa medida se torna benéfica e necessária tanto sob o ponto de vista técnico como sob o higiênico para o consumidor, talvez não fizesse apreciações desfavoráveis mas sim, seria, como toda a imprensa deveria ser, um acréscimo defensor dessa medida.

Mas nós compreendemos bem o objectivo a atingir pelo jornal fascista.

O jornal *A Informação* que é um órgão novo na imprensa e conhecedor de que aos industriais lhes não convém que a elaboração do primeiro alimento da vida se faça de dia, por razões que vamos relatar, lança os primeiros tópicos da questão, para que os industriais o subvencionem, a fim de fazer contra-vapor no sentido de que essa medida de utilidade pública não tenha realidade.

Nesta indústria, que manipula um género de primeira necessidade tinha por dever existir uma rigorosa fiscalização pelo Estado; mas não existe e nunca existiu.

Têm-se a imprensa diária referido muitas vezes ao mau fabrico do pão, mas nunca curando saber quais as razões porque isso acontece.

Como pode um operário trabalhando de dia e de noite, só descansando nos intervalos da prontidão dos preparos, fabricar bem o pão que necessita de ser bem trabalhado para o tornar saboroso, e rodeá-lo de todos os preceitos de higiene como a técnica desta indústria exige, quando atacado de uma sonolência procura encostar a massa e mais depressa possível, para descansar um pouco da fadiga do seu labor violento, quando isso, se não verificar-se se o trabalho fôsse continuo e diurno.

Acontece freqüentes vezes contra a vontade dos operários adormecerem com a massa estacionada para produzir a prontidão dia acidez e quando acorda, visto muitas vezes se encontrar só um operário, já a massa tem uma prontidão em demasia que com o tempo de pesar e tender esse pão que podia ser muito saboroso é um puro veneno, que o consumidor ingere, produzindo-lhe doenças do estômago e outras que do mesmo derivam. Temos ainda um mal muito maior para a saúde pública com a atmosfera calorífica e o calor violento dos fornos, e as portas das oficinas fechadas, visto o trabalho ser de noite. São poucas as massas que não são cozidas com prontidão em demasia, e torna uma asfixia aos operários dessa indústria que são poucos os que não morrem tuberculosos. Atendendo a estes factos e a outros que havemos de trazer a público, como prova o jornal *A Informação* que combatendo o trabalho diurno nas padarias defende o consumidor?

Os sindicatos dos operários manipuladores de pão, de todas as regiões do país, que estão ligados pelo mesmo pensamento, e como lhes cumpre o dever da defesa do estômago do povo, porque têm família, e também são consumidores, não mais largarão os poderes do Estado enquanto lhes não fizerem justiça, abolindo o trabalho nocturno nas padarias.

Diz ainda o mesmo jornal que aceitando como boa esta medida que também tinham que parar os combóios e não haver jornais, visto que o trabalho nestas indústrias é feito de noite.

Não desconhece o citado periódico que nas indústrias acima citadas, não é em nada lesado o consumidor porque trabalho seja nocturno ou diurno e os operários que dela fazem profissão têm 8 horas de trabalho.

Nesta indústria onde não existe horário de trabalho, e a sua elaboração é de dia e de noite e executada pelos mesmos operários devido às más condições em que está regulamentado. Quando regulamentado o trabalho contínuo e diurno, o pão é melhor fabricado, mais saboroso e mais higienicamente fabricado, e o consumidor come-o mais fresco visto que se está fabricando, cozendo e vendendo.

Esta exposição vem sendo feita a todos os ministros que na pasta do ministério da Agricultura se tem sucedido, e voltando-o já a ser actual ministro, o seu chefe de gabinete que têm empregado todo o seu esforço no sentido de que em breve esta medida de utilidade pública seja um facto em todo o país, na indústria da panificação.

ALVES,
manipulador de pão sindicado.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras páginas do homem até a revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

Outra mais barata que no geral se qualifica

Um filho de maus figados

fere o pai a tiros de pistola e alveja quem passa.

No Casal do Ouro, local distante 1 quilómetro do Cartaxo, deu-se anteontem uma cena de sangue que deixou bastante impressionados todos os seus habitantes. Reside ali, o carpinteiro José Ferreira Sereno, de 53 anos, com sua mulher Maria Teodora Canais, de 51 anos, e seus filhos Vitor Ferreira Sereno, de 22 anos, que exerce também a profissão de carpinteiro, e Francisco Sereno, de 19 anos, que presentemente se encontra enfermo. Possui o Vitor uma bicicleta que costuma guardar num barracão de madeira, anexo à casa onde o pai habita. Anteontem, pelas 10 horas da noite, encontravam-se o José Sereno e a mulher sentados à porta da habitação, quando o apareceu o Vitor trazendo num das mãos a buzina da bicicleta, a qual fazia tocar desesperadamente. Observou-lhe o pai que não fizesse tanto ruído, visto o irmão encontrar-se doente na cama e carecer de repouso.

O Vitor, porém, longe de atender às observações do autor dos seus dias, antes pelo contrário, ainda mais buzinou. Isto fez exasperar o José Sereno, que levantando-se disse para o filho que se ele continuasse com a brincadeira, lhe iria inutilizar a bicicleta e em seguida dirigiu-se para o barracão, onde aquela se encontrava arrependida.

Quando, porém, ali chegou, já o Vitor se lhe havia antecipado, entrando nele por uma outra porta e ali de pistola em punho aguardava a entrada do pai. Mal o José Sereno transponz os portais do barracão, foi recebido a tiro pelo filho, que o atingiu com dois projéctiles no braço esquerdo, um no lado esquerdo do torax, outro nas costas e outro na boca.

Vendo o pai prostrado, o Vitor saiu para a rua, onde continuou fazendo fogo, indo mais dois dos projéctiles atingir na nuca e no ombro esquerdo, fracturando-lhe a omoplata, Adelaide Pinto, casada com Luis Miranda, estabelecidos com merceria em frente da casa de José Sereno, a qual ali se preparava para ir acompanhá-lo para casa de sua avó, Maria José Pinto, uma sua filha de 9 anos, de nome Conceição, que por milagre não foi também atingida.

Acudiram então várias pessoas entre elas o negociante de vinhos Francisco Nogueira, que prendeu o agressor a quem foram encontradas nos bolsos mais 26 balas.

O Vitor, que já há cerca de um ano pretendeu também agredir seu pai à facada, o que lhe foi obstado pelo Luis Miranda, foi removido para o Cartaxo em cuja cadeia entrou dia de ontem.

Entretanto, eram os feridos socorridos e conduzidos para o Cartaxo, onde no hospital lhe foram ministrados os primeiros socorros pelo dr. Rebordão, segundo tenente da marinha para Lisboa, onde um auto da Cruz Vermelha os transportou ao hospital de São José, em cujo Banco foram observados pelo cirurgião de serviço dr. José Paredes, sendo o José Sereno ali operado por aquele clínico coadjulado pelos drs. Bastos Gonçalves e Cunha Meneses, e recolhendo os dois feridos, depois de evidentemente pensados, à Sala de Observações,

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h. — Soirée às 9,15 h.

Penúltimos espectáculos em que tomam parte

Henriette Darny
Dançaria clássica francesa

Marion Valdora
Ballerina fantasiada francesa

Elenita Espanha
Coptelistra espanhola

PREÇOS POPULARES

Superior, 2\$00; Plateau ou Balcão, 5\$00;
Camarotes, 15\$00; Fritas, 20\$00;
Convites, 1\$00 e 4\$00.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A venda nas livrarias e na administração de *A Batalha*.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poetas de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Do estatuto confederal

CAPÍTULO I DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º—A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º—O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores salariais no país, para a realização dos interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º—Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operário organizado para a luta pelo desaparecimento do salário de patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º—Manter as mais estritas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua e comum inteligência, que consiste os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

Preço 15\$00 — Peço correio 16\$50

Depósitos à Rua da Instrução 82
• A BATALHA.

Do estatuto confederal

A BATALHA

Promovida pela Câmara Sindical do Trabalho vai realizar-se
em breve o Congresso Operário de Lisboa

DOENÇAS PROFISSIONAIS

A HÉRNIA-ACIDENTE DO TRABALHO

A hérnia é muitas vezes recusada como acidente do trabalho, porque os médicos peritos e os tribunais, em face da impossibilidade em que se encontra o doente de estabelecer nitidamente a relação entre a causa e o efeito, instituem uma jurisprudência particular a esta lesão.

Não são admitidas de maneira certa senão as hérnias provocadas por circunstâncias que tornem verossímil a sua súbita aparição.

Tem-se querido fazer a classificação das hérnias em hérnias de fraqueza (fraqueza da parede abdominal) e hérnias de força (devidas a uma força exterior ou pessoal, que aumenta a pressão abdominal ou a tensão da parede).

Esta classificação deixa uma grande incerteza anatômica, e o mecanismo fisiológico tem promovido discussões de que se não tirou claramente nenhuma conclusão razoável.

Preferiria que se denominasse lesões hérniárias às manifestações consecutivas ao trabalho que se verificam nos lugares de eleição da parede abdominal, porque nem sempre há verdadeira hérnia. Muitas vezes, não há senão formação dum saco que o intestino, pela ação da pressão abdominal, irá distendendo pouco a pouco até ficar em contacto com a pele. E' o que se observa muitas vezes *porm cima e para fora* do orifício externo do canal inguinal. Se a designação de hérnia não convém perfeitamente, a de eventação não parece ser mais exata. Mas a hérnia, mais popular, caracteriza melhor os relaxamentos da parede, com todas as consequências possíveis.

O que interessa ao doente é a sua lesão, compreendendo-se todas as complicações futuras.

* * *

Um trabalhador queixa-se de ter contraído uma lesão hérnica durante o trabalho...

O exame dos peritos, que é quase inevitável, terá por objecto:

1º de constatar a lesão;
2º de admitir ou de rejeitar a relação entre a causa e o efeito;

3º de apreciar as consequências.

Durante muito tempo, foi habitual não admitir como acidente do trabalho senão hérnias acompanhadas de manifestações ruidosas, trágicas mesmo: o doente gritando, contorcendo-se, vomitando, suspendendo o ventre. Mas a guerra, que deu lugar à aparição de numerosas e verdadeiras hérnias deste género, nos soldados reconhecidos, previamente indemnes de toda a distensão parietal, mostrou que seria exagerado exigir semelhante ruido.

Eis o resumo dum relatório de exame do Doutor Paul, que relata circunstâncias muito reduzidas, todavia suficientes para formar o seu juízo no caso de uma hérnia num trabalho anteriormente indemne:

F..., de 28 anos, levanta com três colegas um «châssis» de 180 quilos. Sente uma dor na virilha direita. Larga o trabalho e vai à uma dependência para ver o que tem, verificando uma ligeira tumefação.

Terminou o seu dia de serviço ocupando-se de trabalhos moderados, não tendo havido nada de trágico.

A companhia de seguros, que se apoia no processo antigo, observa que ele não teve vômitos, nem sincopes, nem equimoses...

Sem negar a existência de hérnia, atribui-a mesmo a um esforço, recusando-se porém, a aceitá-la como acidente do trabalho.

O doente, tendo sido operado no hospital, retomou o trabalho ao fim de seis semanas, o que parece normal, admitindo o Doutor Paul o acidente do trabalho.

Vejamos agora o esforço dum outro relatório de exame pericial muito interessante:

O empregado dum escritório, ao encerar o soalho, escorregue, cai violentamente, sentindo qualquer coisa na virilha. Deixa de encerar, podendo, porém, continuar a permanecer. Vejo-o no dia seguinte com uma hérnia inguinal, pelo que entra no hospital, onde é operado.

Mas, consecutiva à operação, uma fieble obriga-o a permanecer no hospital muitos meses, ficando possuído de incapacidade parcial, permanente.

Naturalmente, a companhia nega o acidente. Os peritos, drs. Brouardel, Guibert e Schwartz, admitem a relação entre a causa e o efeito, bem como uma incapacidade parcial, permanente, de 20%.

Em regrá geral, a questão médica em identicos exames, é a seguinte: O traumatismo ou o esforço pode determinar uma distensão da parede?

Acabo de ter conhecimento dum relatório de três peritos dum tribunal de Allier num caso semelhante, relatório muito breve, demasiadamente breve.

Os peritos constatam um alargamento dos anéis inguinais, mas marcado a direita, com saliência quando tosse, sem verdadeira hérnia. O doente não teve, na ocasião do acidente, ocorrido ao levantar uma pesada pedra, manifestações clamorosas, podendo mesmo continuar a trabalhar.

Os peritos descuram, contudo, mencionar que o doente é contramestre e, por consequência, destinado a vigiar o trabalho em que tinha participado.

Recusam-se a aceitar a relação entre a causa e o efeito, depois de, em estilo telegráfico, terem notado, sem nenhuma discussão: «Não houve sincope; não houve vomitos».

Tal processo, parece-me desviá-lo, com demasiada facilidade, da jurisprudência nova, que é a mais lógica e a mais humana.

Em resumo, convém saber que os esforços, às vezes insignificantes na aparência, e até habituais no decurso do trabalho, podem determinar lesões hérniárias, e que a lei de 1893 é aplicável nestes casos.

(Do *Droit Ouvrier*)

Dr. HERVE

“Educacão Social”

Revista de pedagogia e sociologia

Liderada pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

LUTA DE CLASSES

A Federação Têxtil dirige ao operariado da indústria um vibrante apelo de defesa do horário de trabalho

Acompanhado do pedido de publicação, que gostosamente fazemos, a Federação dos Operários da Indústria Têxtil enviamos-nos o seguinte apelo:

«Em face do perigo de desaparecimento que se vem observando e ameaça o regime das 8 horas diárias de trabalho, mercê dos esforçados manejos que ultimamente o patronato e o capitalismo têm empregado e desenvolvido neste sentido, a Federação Têxtil resolveu, na última reunião da sua comissão administrativa, encetar um grande movimento pró-defesa de tão grande e cara regalia proletária.

Para isso, já oficiou a todos os seus sindicatos aderentes, encarecendo-lhes a imprevisível necessidade que há de promoverem, imediatamente, reuniões de propaganda a favor do integral e fiel cumprimento do justo e humano horário em vigor; e de publicarem manifestos nos quais se faça ver os prejuízos que da sua abolição podem advir para a vida dos trabalhadores.

Nesses ofícios oferecem também aos mesmos sindicatos, todo o apoio intelectual, moral e material que esteja ao seu alcance e de que careçam para levarem a cabo tão necessário e urgente movimento.

E de aqui apela para a consciência dos trabalhadores textil, a fim de que acomrem em massa as reuniões de propaganda que se vão realizar pró-defesa da mais cara regalia proletária conquistada até à data e agora mais do que nunca ameaçada de perigo de desaparecimento pelo criminoso egoísmo e a trágica ambição da classe patronal e capitalista, que apoia o seu sistema político favorável aos seus nefastos privilégios e predominio, tenta a todo o custo cercá-la.

A crise de trabalho, que já há bastante tempo se vem desenhando e tem atirado para o desemprego, para a miséria, para a fome, um grande numero de trabalhadores, outra coisa não é, senão o resultado das pretensões e dos manejos patronais e capitalistas, para derrubarem, para abrirem o horário das 8 horas diárias de trabalho. E, portanto, uma crise forçada, uma crise proposta, à qual os trabalhadores, fortemente organizados nos seus sindicatos profissionais, têm de responder dum a maneira decisiva e energética, se não quiserem ver perdido aquilo que mais caro lhes tem custado no campo da luta em prol dum melhor futuro: a sua integral Emancipação.

Os trabalhadores não devem admitir que se volte aos tempos odiosos da escravidão, unicamente para gáudio dum burguesia estúpida, esbanjadora e devassa, que só pensa em gozar o parasitismo e a ociosidade à custa do suor, da miséria, da fome e das lágrimas da imensa família produtora!

Enquanto houver uma aluvião, como há de ocosiosos e parasitas que nada mais faz do que devorar o que os outros produzem, ainda com a agravante de insultarem os que passam as maiores privações para que elas rebentem de indigestão, os trabalhadores devem ir reduzindo o horário de trabalho como suprema garantia de caminho seguro para a cidade ideal — a sua integral Emancipação — porque só assim esses ocosiosos e parasitas irão compreender que os trabalhadores não têm obrigação de sustentar quem não trabalha; que não virá longe o dia em que elas também terão de produzir se quiserem ter direito a vida.

Se não há produção é porque a burguesia, por espírito de “revanche”, não quer reconhecer o horário em vigor, imaginando que assim esmagaria melhor os operários.

Proletários têxteis: preparamos conscientemente para a defesa das 8 horas diárias de trabalho, que neste momento, mais do que nunca, estão ameaçadas de desaparecer!

Organizai-vos fortemente dentro dos vossos sindicatos profissionais e acorrei em massa às reuniões de propaganda que em prol de tão grande e cara regalia se vão realizar!

Que a vossa resposta à ameaça da abolição das 8 horas, seja a reclamação do horário de trabalho.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, no folheto, datado de 5/5/26, o *Regulamento do Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço aviso de 5\$.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades, deve-se haver um abatimento de 50 por cento em peças de 50 folhetos.

Debols à administração de *A Batalha*.

Aos assinantes de “A Batalha”

Seguem nesta data para o correio os recibos dos nossos estimáveis assinantes a quem prevenimos que, sendo o pagamento da assinatura adiantado, não devem estranhar de lhes serem presentes alguns dos referidos recibos passados com o mês de setembro.

Dada a grave situação que “A Batalha” atravessa esperamos ficarmos no bom acolhimento.

Saudando uma educadora

Sindicato Único Metalúrgico

O Sindicato Único das Classes Metalúrgicas de Lisboa, estando integrado nas hostes revolucionárias que desejam e pretendem a transformação desta sociedade, na qual se permite a ignomínia da exploração do homem pelo homem, não esquece que a missão dos sotainas da Igreja católica é de molde a fazer perdurar a actual sociedade e lastima que no Congresso Pedagógico se não tivesse tratado, como se devia, assuntos de carácter educativo isentos de dogmas, e protesta, pois, contra a forma desleal e facciosa dum grupo de professores que, esquecendo a sua nobre missão de educadores, tentaram aniquilar a voz dignificadora da professora D. Vitoria Pais, e declarar prestes-lhe fôda a sua solidariedade moral, incitando-a a prosseguir em tão

Do Comité Pró-Presos por Questões Sociais aos trabalhadores de todo o país

Longe de diminuir o número dos presos sociais, ele aumenta em cada dia que passa e essa circunstância é suficiente para que todos os trabalhadores contribuam com a sua cota parte de solidariedade monetária, para atender em parte à misérrima situação económica em que os presos e suas famílias se encontram.

Este Comité, que tem procurado por todos os meios ao seu alcance conseguir receita para manter os subsídios anterioremente estabelecidos, constata que a solidariedade monetária prestada pela classe trabalhadora tem diminuído nestes últimos tempos.

Não podeis, camaradas, esquecer aqueles que, por defenderem uma melhor situação para todos os que trabalham, provocaram contra si o ódio dos que nos exploram e dos governantes, visto que só por esse motivo se encontram privados da liberdade e do convívio das suas famílias, de quem eram valioso amparo.

Hoje, sábado, devem os operários abrir quetes nas fábricas, oficinas e outros locais de trabalho, contribuindo assim para que o auxílio que tem sido prestado aos presos não só continue mas, se possível for, seja aumentado.

O Comité Pró-Presos Sociais.

O LIVRO DOS LIVROS...

A Bíblia está recheada dos erros mais palmares e das contradições mais flagrantes

Examinemos, atentamente, as origens de tudo quanto a Bíblia encerra acerca do mito da criação:

Na teogonia egípcia, no princípio do mundo, isto é, a saída do signo de Cancer, que era quando principiava o ano, o espírito divino, isto é, o vento (pois que espírito e sopro eram, então, sinônimos) sopra sobre as águas, anuncianto a inundação do Nilo, a grande força germinadora; esse espírito personaliza-se no Deus Chnum, que flutua sobre o Nilo, enquanto este corre a terra num abraço de amor. De aqui veio para o Genesis a expressão: «E o espírito de Deus era levado sobre as águas».

Como pôde, porém, a mitologia ariana influir sobre os livros judaicos?

Em primeiro lugar, já acima dissemos que no povo judaico há um elemento semelhante a serpente que nos fez perder a felicidade egípcia, é nas mitologias arianas, a cobra do inferno, compreende-se bem a alegoria: se o homem subisse já fabricar o vinho não teria pera que temer os assaltos da serpente...

Com pôde, porém, a mitologia ariana influir sobre os livros judaicos?

Em primeiro lugar, já acima dissemos que no povo judaico há um elemento semelhante a serpente que nos fez perder a felicidade egípcia, é nas mitologias arianas, a cobra do inferno, compreende-se bem a alegoria: se o homem subisse já fabricar o vinho não teria pera que temer os assaltos da serpente...

Sobre essa circular foi aprovada por unanimidade uma questão prévia repudiando-a.

Entrando na ordem dos trabalhos, discutiu-se o regulamento da biblioteca que depois de várias emendas foi aprovado por unanimidade.

Sobre o preenchimento de delegados à Camara Sindical do Trabalho foram nomeados José dos Santos e Manuel Ferreira da Silva.

Nos assuntos diversos é lida uma declaração de António Vicente, delegado do sindicato que constava dum circular da União Anarquista Portuguesa e da Federação das Juventudes Sindicais sobre o conflito da C. G. T.

Sobre essa circular foi aprovada por unanimidade uma questão prévia repudiando-a.

Entrando na ordem dos trabalhos, discutiu-se o regulamento da biblioteca que depois de várias emendas foi aprovado por unanimidade.

Convidar Emídio Santana a integrar-se nos objectivos do Sindicato, em conformidade com resoluções de outras e destas assembleias.

Compreende-se o símbolo. O tempo tem sido constantemente comparado à água que corre. A árvore da vida subsiste enquanto as estações do ano vão correndo, harmonia apenas perturbada pelo pecado, isto é, pela nossa fragilidade que nos torna fatal a morte.

Na cosmogonia do Tibet aparecem vestígios mais apagados do mesmo mito, se bem que, como no Genesis, lá aparecem os quatro rios. Junto a uma grande árvore estavam colocados quatro rochedos, de cada um dos quais saía o seu rio sagrado. Um deles fazia face ao Oriente, outro ao Sul, outro ao Poente e o último ao Norte, coloridos a quatro portas do círculo Zodiaco: os solstícios e os equinócia.

Os orientais representaram sempre o mal e o inútil numa mesma figura: a serpente.

Nos livros dos Paris, Ahriman, o deus do mal, é chamado a grande cobra e o mentiroso. O Genesis chama a serpente tentadora Aran, isto é, astuta o que dá também a ideia dum ser ardiloso e enganador. Nos livros cristãos acentua-se mais essa ideia. Satanás, essa serpente cuja cabeça o Cristo veio esmagar, é denominado o Pai da Morte.

No Zend-Avesta o mundo é criado em seis gahans, como no Genesis em seis yoms (dias ou épocas); o primeiro por humano é criado no reino do Bem, correspondente ao Eden bíblico; o mal é introduzido no mundo pela serpente de Abrimán, como na Bíblia pela serpente tentadora; os anjos das trevas levantam-se em guerra contra Ormuz, havendo desde então, como nas crenças cristãs, a divisão dos anjos em bons e maus; os anjos bons são divididos em cherubins, serafins, tronos e dominadores; o fim do mundo é indicado para o termo dum prazo de seis mil anos; ao cabo virá o cordeiro reparador da natureza, que é o cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo em que falam os livros santos; e como no cristianismo há a encarnação, formada de pão assimo e na antiga lei havia os países de propiciação, assim, assim na Pérsia havia o pão assimo dos iniciados.

Os lamas do Tibete crêem que, depois de ter criado os quatro elementos, como estes ficasssem confusos, Deus soprou sobre as águas (o sopro de Deus era levado sobre as águas...), e então mandou uma parte do seu sopro